

**A DIVERSIDADE CULTURAL
VAI AO CINEMA**

Organizadores
Inês Assunção de Castro Teixeira
José de Sousa Miguel Lopes

A DIVERSIDADE CULTURAL VAI AO CINEMA

Copyright © 2006 by Os autores

CAPA

Jairo Alvarenga Fonseca
(Sobre foto de João Castilho)

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA

Carolina Rocha

REVISÃO

Leonardo Vilhena

Teixeira, Inês Assunção de Castro

T266d A diversidade cultural vai ao cinema / organizado por Inês Assunção de Castro Teixeira e José de Sousa Miguel Lopes . — Belo Horizonte : Autêntica , 2006.

272 p.

ISBN 85-7526-195-9

1.Cultura. 2.Cinema. I.Lopes, José de Sousa Miguel. II. Título.

CDU 791.43:008

Ficha catalográfica elaborada por Rinaldo de Moura Faria – CRB6-1006

2006

Todos os direitos reservados pela Autêntica Editora.
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida,
seja por meios mecânicos, eletrônico, seja via cópia xerográfica
sem a autorização prévia da editora.

Autêntica Editora

Rua São Bartolomeu, 160 – Nova Floresta

31140-290 – Belo Horizonte – MG

PABX: (55 31) 3423 3022 – Televidas: 0800 2831322

www.autenticaeditora.com.br

e-mail: autentica@autenticaeditora.com.br

São Paulo

Rua Visconde de Ouro Preto, 227 – Consolação

01.303.600 – São Paulo/SP – Tel.: (55 11) 3151 2272

Sumário

PREFÁCIO.....	7
Tania Dauster	
APRESENTAÇÃO.....	11
Inês Assunção de Castro Teixeira e José de Sousa Miguel Lopes	
PRIMEIRA PARTE	
A empresa colonial: destruição cultural, espoliação e racismo.....	31
A missão.....	33
Suzana Burnier	
<i>Brincando nos campos do Senhor:</i>	
tradução, interpretação, combate simbólico.....	51
Maria Antonieta Pereira	
SEGUNDA PARTE	
O desafiante diálogo etnocultural:	
intolerância e violência nas sociedades modernas.....	63
<i>O senhor das moscas:</i>	
os labirintos do poder e da violência numa antropologia da cultura..	65
José de Sousa Miguel Lopes	
Como a cultura do “outro” pode ser arma na guerra.....	89
Ana Lúcia E.F. Valente	
Viajar é preciso.....	105
Lea Calvão	
<i>Antes da chuva: uma história em três partes.....</i>	115
Maria Helena Rodrigues Paes	
<i>O verão de Sam: breve leitura sob as perspectivas de gênero e raça.....</i>	133
Rosângela Malachias	

TERCEIRA PARTE

**Derrubam-se muros... constroem-se muros:
a globalização em marcha.....** 145

**Os dois mundos de Alexander k.
classe, consumo e cultura em *Adeus, Lênin!*.....** 147

Ronaldo Rosas Reis

Por onde andaré Maya?..... 163

José Márcio Barros

***O invasor: luta de classes à brasileira?*.....** 171

Ronaldo de Noronha

QUARTA PARTE

Entre diferenças e conflitos: edificando a solidariedade..... 185

***Urga: uma paixão no fim do mundo*.....** 187

Erisvaldo Pereira dos Santos

***Gente diferente:*
educação em dois mundos na perspectiva cinematográfica.....** 199

Luiz Alberto Oliveira Gonçalves

Morango e chocolate..... 213

William Castilho

***Machuca: a escola, a ponte e o sonho*.....** 235

Karla Cunha Pádua e Cristina Almeida Cunha Filgueiras

QUINTA PARTE

Ficha técnica, sinopse, dados biográficos e filmografia..... 247

OS AUTORES..... 267

Prefácio

Tania Dauster

Inês Assunção de Castro Teixeira e José de Sousa Miguel Lopes mais uma vez organizaram e trazem a um público amplo a leitura realizada por professores e pesquisadores do mundo acadêmico sobre as suas relações com a produção cinematográfica.

Na presente coletânea, a diversidade social e o cinema foram o foco principal abordado pelos autores, que confrontaram-se com esta temática contrastando e estranhando distintos referenciais culturais, em alguns casos, no interior de um mesmo país. Algo na linha do que Clifford Geertz (1999) denominaria de *colagens*.

Geertz, discutindo a relação entre o antropólogo e seu objeto, reitera que a diversidade cultural faz parte da sociedade complexa. Neste sentido, considera – como ocorre nesta coletânea –, tanto os grupos étnicos como outras diferenças que podem ser examinadas em função de geração, gênero e classe. Refletindo sobre o enigma da diversidade sociocultural e seus usos, Geertz indica que estamos desafiados a pensar a diversidade com outras lentes. Por quê? No lugar de pensarmos em termos de espaços sociais e fronteiras bem delineados, nos confrontamos, no mundo contemporâneo, com maneiras de viver distintas, que se misturam e se interpenetram tal qual uma *colagem* cujas bordas são irregulares e moventes.

Para o antropólogo americano, vive-se em uma imensa *colagem*, que pode ser percebida na expressão da mídia, no acesso às linguagens outrora percebidas como exóticas e distintas, na migração das culinárias e gostos gastronômicos, no consumo de artigos de vestimenta e mobiliário.

Temos, então, acesso a essa experiência cotidiana de vivência em uma cultura da mistura. Isso nos exige um exercício discriminatório constante, tendo em vista situar os elementos que configuram as *colagens*. Por outro lado, o seu estudo demanda as nossas possibilidades de “compreensão”, ou seja, a percepção das relações entre os elementos, assim como seu sentido de identidade.

Outra peculiaridade desta coletânea: todos os autores são de língua portuguesa, lidando com filmes de diversas culturas lingüísticas. Os filmes sobre os quais escrevem podem ser classificados como estrangeiros, uma vez que assim são definidos, em que pese todo o discurso da globalização. Observa-se, ainda, que estes filmes foram realizados por uma gama de diretores e artistas que estão situados em uma miríade de nacionalidades e descrevem os mais diferentes contextos socioculturais. Os articulistas, situados em seus determinados ângulos e posições sociais, realizam uma leitura a partir do lugar que ocupam na cena brasileira. Por outro lado, na situação de contato que estabelecem com a filmografia não-brasileira, sobre uma diversidade de filmes estrangeiros, produzem significados a partir de um jogo de emoções e estranhamentos.

É lugar-comum dizer que o cinema é a maior diversão. Mas, não apenas. Através dos filmes viajamos, conhecemos e nos familiarizamos com outros cotidianos. Visualizamos modos de vida, costumes e possíveis construções de identidade. O cinema nos dá acesso à experiência da alteridade, revelando costumes e cenários nunca antes visitados. Os filmes nos revelam as sociedades em suas diversidades, gerando perplexidades e permitindo que nos olhemos de outra maneira. Em outras palavras, ver filmes, discuti-los, interpretá-los é uma via para ultrapassar as nossas arraigadas posturas etnocêntricas e avaliações preconceituosas, construindo um conhecimento descentrado e escapando às posturas “naturalizantes” do senso comum. Ver filmes, ler e falar sobre eles nos conduz a imaginar outras formas de sociabilidade e socialização, assim como a nos interrogar sobre outras relações entre os indivíduos e a sociedade.

Entre muitos outros exemplos, lembramos que se apresentam ao leitor, neste volume, análises sobre os modos de vida e relações em uma

Alemanha comunista, que vive a crise da queda do muro de Berlim, assim como as contradições entre um mongol e um russo e as tensões entre a cultura tradicional mongol e a modernização de costumes ligados ao uso de preservativos e controle da natalidade. Reflete-se sobre a questão da intolerância e da desigualdade na situação cubana, no contexto da Macedônia, são examinados os conflitos entre macedônios ortodoxos e albaneses muçulmanos.

Não é demais insistir que o fio condutor de tudo que até aqui foi comentado é a própria problemática da diversidade cultural, enlaçando e impregnando todos os artigos apresentados.

Neste ponto é pertinente lembrar que o dilema constitutivo da Antropologia pode assim ser resumido: compreender a unidade biológica da espécie humana e a sua diversidade cultural, percebida através da pluralidade de costumes, atitudes, concepções, práticas, em suma, de múltiplos modos de vida. Vale recordar, ainda, que do contraste entre o *um* e o *múltiplo*, ou entre o *eu* e o *outro*, nasce a problemática da cultura na busca de se interpretar as diferenças sociais e culturais entre os grupos sociais.

Com esta coletânea, os organizadores brindam o leitor com uma seleção de textos instigantes sobre filmes, que podem constituir-se também em um roteiro para o cinéfilo.

Sem querer ser prescritiva ou reducionista quanto ao valor das discussões emergentes da leitura desses artigos, não posso deixar de mencionar que o livro é também um instrumento valioso para o professor, tanto do ensino médio quanto universitário. Esta obra fornece uma listagem de filmes expressivos, que podem ser exibidos para estudantes, e permite, com a sua leitura, que sejam levantados inúmeros debates. Em suma, uma maneira alternativa de se construir conhecimento em sala de aula.

Apresentação

Inês Assunção de Castro Teixeira

José de Sousa Miguel Lopes

A Coletânea que estamos apresentando pretende incidir sua análise sobre a problemática da diversidade cultural, que, ao lado da desigualdade social, em todas as suas manifestações, é uma questão candente no mundo atual. Ou seja, pretendemos ver refletido na Coletânea o multiculturalismo das diferenças de raça, gênero, etnia, sexuais, etárias, geracionais, religiosas, morais, regionais, de linguagem dentre outras, tanto quanto não podemos desconhecer as *antigas e renovadas formas de desigualdade social presentes no mundo contemporâneo, seja no que se refere às assimetrias das classes sociais* no interior das diversas formações sociais, seja as que ocorrem entre Norte e Sul, entre regiões, nações e blocos geopolíticos.

Na impossibilidade de desenvolver estas duas questões em um só livro/coletânea da Coleção “Educação, Cultura e Cinema”, visto sua complexidade e abrangência, neste terceiro volume, trazemos à discussão a problemática da diversidade cultural, percorrendo-a em imagens e enredos do cinema.

Cada vez mais tomamos consciência, em maior ou menor grau, de que estamos inseridos em contextos perpassados pelas diferenças culturais, e, se algo deve ser consensual nesta problemática, é a compreensão de que tais peculiaridades e a multiplicidade das culturas, em todos os seus domínios, territórios, abrangência e formas, são um bem da humanidade a

ser preservado¹. Estas diferenças dão naturalmente lugar à diversidade de olhares, de valores, de crenças, de linguagens que merecem respeito e dignidade. Contribuem para a reinvenção do mundo, da vida e das próprias culturas, nunca estanques ou imutáveis, mas feitas de misturas e renovações constantes.

É também crescente o fluxo de pessoas dentro e fora de seus territórios e nações², a troca de informações e contatos, nos quais vão aprendendo e ensinando novas formas de expressarem e de significarem o mundo a seu redor, processos que envolvem formas híbridas de culturas e, por conseguinte, de identidades.

Não há como negar a grande diversidade dos grupos humanos e, por conseqüência, não há como negar as diferenças que os caracterizam. E muito menos colocar-se em busca da homogeneização de todos eles, usando argumentos que se inclinam à idéia de uma falsa igualdade entre todos. Não há mais como desconsiderar os saberes tradicionais e explicações do mundo de cada cultura somente pelo fato de se distanciarem das verdades padronizadas e aceitas pela ciência e os impérios econômicos, políticos e ideológicos que a subvencionam, conformam e deformam. Essa perspectiva, iluminista, acaba por descaracterizar a diferença, numa imposição de padrões estéticos, políticos, religiosos, econômicos, educacionais, a partir de concepções dos grupos que se pretendem hegemônicos.

O que importa reter é que, mesmo no quadro interno de cada país, a diversidade cultural não constitui uma rua de mão única para a autoafirmação de grupos com identidade própria. A coexistência em pé de igualdade de diversas formas de vida exige ao mesmo tempo uma integração dos cidadãos e o reconhecimento recíproco de sua qualidade de membro subcultural no quadro de uma cultura política comum. A sociedade pluralista, democraticamente constituída, garante as diferenciações culturais sob a condição da integração política.

¹ Segundo a UNESCO "O mundo conta em torno de 6000 comunidades e outras tantas línguas" (Ver <http://portal.unesco.org/culture>)

² Segundo a UNESCO "A taxa de migração internacional aumenta rapidamente a cada ano. Segundo o "Relatório da Migração Internacional de 2002" das Nações Unidas, o número de emigrantes duplicou desde os anos 70. Cerca de 175 milhões de pessoas vivem longe do seu país natal e uma pessoa emigrante em cada dez vive nos países industrializados (Ver <http://portal.unesco.org/culture>)

Neste sentido, como enfrentar atitudes preconceituosas e racistas? Certamente, desenvolvendo valores democráticos a partir de uma reforma ampla da sociedade e dos valores dominantes. Isto implica entender a formação de atitudes não só a partir de enfoques individuais e psicológicos, mas também a partir de uma análise sociológica crítica das condições políticas e sociais que criam concepções negativas ou positivas sobre as pessoas e grupos, sobre os diferentes, segundo sua situação dentro do sistema e segundo o conflito que se produz entre eles.

Além disso, torna-se necessário envolver toda a sociedade e procurar romper a dicotomia entre minorias e majorias culturais em direção a uma convivência plural, reconhecendo os fatores e as condições que produzem atitudes discriminatórias e as que favorecem atitudes de respeito e igualdade. E, sendo assim, a busca da universalidade não envolve o sufocamento da polivalência cultural ou a pressão para alcançar consenso cultural. Universalidade significa nada mais nada menos que a capacidade da espécie se comunicar e alcançar entendimento mútuo, no sentido de “saber como prosseguir”, mas de saber como prosseguir diante de outros e de todos que têm, igualmente, o direito de prosseguir por caminhos diferentes.

É preciso lembrar também que em nenhum Estado dito democrático, nos moldes da democracia liberal, até a década de 60, e até esta primeira década do século XXI, cuidou-se de promover a igualdade e de vencer os preconceitos por comportamentos estatais e particulares obrigatórios, pelos quais se superassem todas as formas de desigualdade injusta. Os negros, os pobres, os marginalizados pela raça, pelo sexo, por opção religiosa, por condições econômicas inferiores, por deficiências físicas ou psíquicas, por idade, etc., continuam em estado de desalento, inclusive jurídico, na grande maioria do mundo. Não obstante a garantia constitucional da dignidade humana igual para todos, da liberdade igual para todos, são milhares os contingentes de homens e mulheres, de crianças, jovens, adultos e idosos que continuam sem ter acesso a iguais oportunidades mínimas de trabalho, de participação política, de cidadania criativa e comprometida, deixados que são à margem da convivência social e da experiência democrática na sociedade política, do exercício de direitos sociais, políticos e civis.

De outra parte, sendo a sociedade moderna “global”, por que se espalham tão rapidamente barreiras políticas e físicas ao deslocamento

das populações? Quinze anos após a queda do Muro de Berlim, duas enormes muralhas ilustram a tendência do capitalismo à segregação. Uma separa os Estados Unidos do México para evitar que legiões de pobres confluam ao país que mais concentra riquezas no planeta. Segundo estudos da Universidade de Houston, de 1994 até hoje mais de 2.200 pessoas perderam a vida ao tentar transpô-la – quase três vezes mais mortes que em trinta anos na Alemanha. A outra cerca visa consolidar a invasão e ocupação ilegal, por Israel, de parte do território palestino. Mas as paredes físicas são apenas a ponta do *iceberg*. Multiplicam-se, além delas, barreiras legais e discriminações culturais contra os que fogem dos grandes bolsões de miséria, para ficarmos em único exemplo.

Assistimos, pois, ao movimento e caráter exclusivamente mercantil dos processos da globalização, que permitem a livre circulação dos capitais e mercadorias, mas freiam a dos seres humanos. As fronteiras foram flexibilizadas para os fluxos financeiros, capitais especulativos e mercadorias de todo tipo (até aquelas ilegais e/ou absolutamente desnecessárias ao cotidiano das populações). Mas a circulação dos homens e mulheres é cada vez mais restringida.

Num quadro como este, de que modo a educação tem lidado com as diferenças? Qual a sua responsabilidade face à diversidade cultural e aos problemas relativos a esta questão no mundo contemporâneo?

Se olharmos atentamente para as práticas escolares cotidianas, vemos que a escola trabalha com a diferença o tempo todo, porque só é possível produzir hierarquias ressaltando e classificando a diferença. Porém, a escola trabalha a diferença para desqualificá-la, tornando-a desigualdade. Esta compreensão, óbvia, sem dúvida, coloca em discussão a idéia de que a escola direciona-se para a homogeneidade, pois, se ela trabalha com a diferença com um sentido de desqualificação, ela resalta alguns comportamentos, algumas informações. Ao ressaltar esses aspectos, ela oculta outros, mostrando que a exclusão não é apenas uma questão individual, de opção entre modelos existentes e tampouco se limita à percepção de que é preciso propor outros modelos de avaliação.

Um olhar atento para os meios de comunicação, que tornam visíveis os conflitos étnicos e raciais que ocorrem em quase todos os países do mundo, bastaria para justificar uma reação educativa generalizada e um posicionamento dos cidadãos comprometidos na formação de crianças e jovens em uma democracia.

Dessa forma, uma das tarefas educativas fundamentais, que contribuiria para o exercício da plena cidadania, é, sem dúvida, a eliminação das atitudes racistas, xenófobas e de todos os preconceitos sociais e culturais que justifiquem práticas alienantes e discriminatórias. Urge, pois, desencadear uma construção paciente e laboriosa de uma verdadeira educação intercultural, que seja um foco de resistência aos “barbarismos” que despontam aqui e ali, uma pedagogia que tenha no diálogo com o outro, com o diferente, seu direcionamento central. O outro, como eu, é um sujeito ativo, responsável, dotado de um capital cultural próprio. É um sujeito de direitos.

Esta pedagogia se posicionará, assim, face a um conceito rígido que, pretendendo respeitar todas e cada uma das culturas, acaba paralisando-as e isolando-as umas das outras, desconsiderando seus movimentos e dinâmicas, resultante, muitas vezes, do contato entre elas. Contatos que devem ocorrer em condições de igualdade, de simetria e justiça, jamais em contextos de dominação/subordinação, evidentemente. Tal pedagogia auxiliaria na necessária interação dialógica entre culturas, num clima democrático que defendesse o direito à diversidade no marco da igualdade de oportunidades, flexibilizando e ampliando os modelos culturais que se transmitem no sistema educacional. Ela se posicionaria, assim, face a um conceito monolítico, que separa e imobiliza as culturas, impedindo suas possíveis trocas em condições de igualdade. Ela possibilitaria aos alunos disporem de uma maior riqueza de conhecimentos e valores culturais, próprios e alheios, enriquecendo crítica e reflexivamente não só sua formação humana pessoal, mas aprimorando sua sensibilidade para o outro, para o diferente, propiciando sua conscientização e ação social respeitosa, aberta e solidária.

A tarefa é árdua porque, tendo aprendido os registros culturais de seus grupos de origem, os indivíduos têm uma propensão a sobrevalorizarem as qualidades, referências culturais e simbólicas destas suas coletividades de pertencimento, atitude que pode levá-los a alimentar preconceitos e estereótipos desfavoráveis em relação aos outros, aos que consideram diferentes. Neste sentido, não basta colocar em contato e em comunicação membros de grupos diferentes, por meio de escolas comuns a várias etnias ou religiões, por exemplo. Se, no seu espaço comum, estes diferentes grupos já entram em competição ou se o seu estatuto é desigual, um contato deste gênero pode agravar ainda mais as

tensões latentes e degenerar em conflitos. Pelo contrário, se este contato se fizer em termos igualitários, e se existirem objetivos e projetos comuns, os preconceitos e a hostilidade latente podem desaparecer e dar lugar a uma cooperação mais serena e à amizade.

Os professores sabem que estão incluídos e inseridos em registros culturais e que, como sujeitos sociais, são influenciados pela sociedade e por seus grupos de pertença. Sabem também que, apesar da força das estruturas sociais, há em todos os humanos a possibilidade de ações instituintes, que instauram o inédito e que os humanos trocam com o meio, ao mesmo tempo em que o transformam e se transformam nesta ação. Os educadores sabem, do mesmo modo, que o seu outro, os que considera diferentes, são também sujeitos capazes de inventar e reinventar o existente. Sabem, por fim, que devemos estar sempre dispostos ao diálogo, construindo acordos que permitam o melhor para todos, assegurando a continuidade de nossa vida em comum. Esse deverá ser o nosso ideal como educadores e educadoras. A educação deve, portanto, trabalhar um sentido de relatividade, a sensibilidade para a diferença e para o diverso, entendendo, porém, que o diferente é, ao mesmo tempo, igual, porque é sujeito de direitos e parte da humanidade. Daí a necessidade do sentido da diversidade e do respeito mútuo, enfatizando a singularidade e a pluralidade da experiência humana, a variedade de culturas e o longo registro histórico das inter-relações dos grupos humanos e, concomitantemente, o sentido e o sentimento da igualdade. Um *sentimento do mundo*, como dizia Drummond.

A identidade de cada um deverá ser, neste quadro, uma referência para o relacionamento com o outro, e não uma fortaleza. E o sentido da diferença terá que se combinar com o da igualdade.

No trato com as formas artísticas, particularmente com o bom cinema, como a educação pode contribuir para edificar esse sentido e sentimento de relatividade, de diversidade e de respeito mútuo, combinados ao sentido e sentimento de igualdade?

Parece ponto pacífico que se torna necessária uma transformação cultural da educação para que, no trato com o cinema, ela possa contribuir para a formação de um novo tipo de público. Por que as escolas continuam reduzindo o ensino das artes e, quando o fazem, na maioria dos casos, priorizam as artes plásticas e a música? Por que as escolas insistem em entreter os alunos para que se informem por meio de livros

e revistas cultas, quando o fazem, esquecendo-se do bom cinema? E ainda mais: como levar o cinema para a escola de forma que ele seja conhecido em toda a sua grandeza, para além de um simples produto da indústria cultural?

Torna-se necessário renovar o diálogo entre o cinema e a escola. Trata-se de capacitar as novas gerações para que possam sentir a fruição estética do bom cinema e para que saibam interpretar a linguagem audiovisual de que é feito, ao lado do contexto e da história que o explica. É necessário realizar a “alfabetização artística” e a “alfabetização visual”, tão importantes quanto a lingüística.

Precisamos aprimorar um olhar que nos coloque face a face com o estranho, com a diferença, com o desconhecido, que não pode ser reconhecido nem apropriado, mas apenas conhecido na sua especificidade diferenciadora. Não se trata de reduzir o outro ao que nós pensamos ou queremos dele, como também não se trata de assimilá-lo a nós mesmos, excluindo sua diferença. Abrir o olhar e a sensibilidade ao estranhamento, ao deslocamento do conhecido para o desconhecido, que não é só o outro sujeito com quem interagimos socialmente, mas também o outro que habita em nós mesmos, é o que temos por fazer.

Mediante estes entendimentos e preocupações, esta Coletânea está dividida em quatro partes:

1. A empresa colonial: destruição cultural, espoliação e racismo.
2. O desafiante diálogo etnocultural: intolerância e violência nas sociedades modernas.
3. Derrubam-se muros...constroem-se muros: a globalização em marcha.
4. Entre diferenças e conflitos: edificando a solidariedade.

Na primeira, intitulada **A empresa colonial: destruição cultural, espoliação e racismo**, são apresentados dois artigos que analisam alguns aspectos do modo como opera o projeto colonial, que se configura de forma mais aberta nos primórdios e de forma mais velada na contemporaneidade. O diálogo entre as culturas se assentou fundamentalmente na violência, na espoliação e no racismo que os invasores exerceram sobre os povos que pretendiam submeter. As empresas e os aventureiros procuravam obter oportunidades de lucro e fontes de matérias primas antes dos concorrentes. A presença dos interesses burgueses nessas regiões

do mundo exigiu a intervenção dos respectivos governos na defesa do patrimônio de seus cidadãos, passando a atuar nas áreas ocupadas como verdadeiros donos. Ainda que os povos submetidos a esses processos violentos possam ter obtido algum benefício em termos de novos produtos, tecnologia, medicina, comércio e educação, eles sofreram e ainda sofrem, inevitavelmente: as perdas humanas no processo de conquista foram inestimáveis e novas relações de dependência introduzidas; antigas tradições, costumes, sistemas políticos e religiosos foram destruídos.

Os dois primeiros artigos da primeira parte da Coletânea remetem-nos a estas questões. Em seu trabalho intitulado *A missão*, a professora Suzana Burnier revela-nos o modo como no filme se opera a troca de culturas: de hábitos, de artes, de mitos e símbolos, de saberes. Trata-se de uma narrativa acerca da busca humana de sair do próprio lugar, de romper com o cotidiano, de elevar-se, de transcender a realidade. A narrativa mostra-nos como o que está em jogo não são questões divinas ou filosóficas, mas interesses humanos muito concretos, nomeadamente os da própria sobrevivência da ordem jesuíta. O filme é um interessante mosaico da história e da cultura humanas na qual nômades se sedentizam e polígamos incorporam a monogamia. Enfim, visões de mundo são alteradas, num processo em que as guerras na defesa das terras espanholas fazem parte do cotidiano, como a autora salienta em seu trabalho.

No segundo artigo, *Brincando nos campos do Senhor*, a professora Maria Antonieta Pereira chama-nos a atenção para o fato desta obra nos possibilitar encaminhamentos tendentes ao aprofundamento de temas como diversidade cultural, liberdade religiosa, educação sexual e familiar, respeito a crenças e costumes, cuidados com a natureza. Além disso, para a autora, a película é um verdadeiro fórum de debates entre diversas concepções de vida presentes no mundo contemporâneo e, nessa perspectiva, não poderia terminar com respostas definitivas. Colocando em debate os fundamentalismos e participando dos combates simbólicos de nosso tempo, o filme não tem a pretensão de dar respostas a uma série de questionamentos, quer sejam da ordem do teórico, quer sejam, da ordem do incoseqüente, murmurados por uma criança em seu leito de morte. Para Maria Antonieta Pereira, *a diferença entre essas interrogações é que o filme responde, com segurança, apenas à última delas. As demais permanecem em discussão – para que o jogo, nos campos do Senhor, não seja interrompido.*

Na segunda parte da Coletânea, intitulada **O desafiante diálogo etnocultural: intolerância e violência nas sociedades modernas**, estão cinco artigos.

O tema do “outro”, que percorre todas as películas e artigos desta Coletânea, tem suas origens em interrogações filosóficas a respeito da natureza da identidade. A diferença cultural é de grande importância na questão do “outro”. Desde tempos imemoriais, as pessoas se consideravam como “o povo” e todo o resto como “os outros”. Com o passar do tempo, o “outro” passou a referir-se a questões de ser e não ser e a diferenças culturais relativas a língua, religião, *status* de civilização ou evolução (selvagens, primitivos), raça, etnia, nacionalidade, gênero, classe, desenvolvimento, ideologia, idade e assim por diante, sendo todos esses fatores básicos para a construção das fronteiras da comunidade.

Nesta problemática destaca-se a questão étnica, particularmente importante nas sociedades modernas. Com efeito, o “renascimento étnico”, como é às vezes chamado, parece ter tomado o lugar da condição social como forma principal de segregação na sociedade moderna e se tornado a fonte mais fundamental de estratificação. Apesar de parecer ilógico descartar a posição social como o fator crítico de todas as formas de conflito social, há certamente material suficiente para prever que a etnia e os conflitos étnicos serão, no futuro, pelo menos tão significativos quanto os conflitos de classe. Isto posto, seria equivocado separar estas duas formas de clivagens sociais, exceto para propósitos analíticos, uma vez que há estreita conexão entre a classe social e a resposta étnica. A organização étnica em si funciona freqüentemente como um instrumento para levar adiante os interesses dos membros e de alguns grupos.

Os conflitos étnicos na região dos Bálcãs, decorrentes da desagregação da Iugoslávia, após a queda do socialismo real, são um bom exemplo desta problemática, que, aliás, é tratada em alguns artigos nesta segunda parte desta Coletânea, da qual o primeiro artigo é *O senhor das moscas: os labirintos do poder e da violência numa antropologia da cultura*, do professor José de Sousa Miguel Lopes. A ação do filme decorre nos anos 80 do século passado, em plena Guerra Fria. O autor do filme isola os meninos na ilha para mostrar como rapidamente pode ruir o controle da civilização imposta. O grupo de garotos vai progressivamente cedendo à vida dos instintos, regredindo a pulsões de violência e morte. É um filme impregnado de importantes facetas antropológicas. A

condição humana com suas contradições, a problemática da cultura nas suas várias manifestações (regras, tecnologias, fronteiras, medo, jogos, rituais, simbologias, valores, arte, liderança, ideologia, poder, violência...) podem fazer luz sobre o modo “labiríntico” como os seres humanos constroem o sentido do mundo. O filme revela, simultaneamente, o que de mais luminoso e obscuro existe nos seres humanos, enquanto artesãos laboriosos da cultura, conforme Miguel Lopes destaca em sua análise desta obra cinematográfica.

O segundo artigo desta segunda parte, *Como a cultura do ‘outro’ pode ser arma na guerra*, é da autoria da professora Ana Lúcia E.F. Valente. A autora, ao analisar o filme *Furyo: em nome da honra*, chama-nos a atenção para as relações entre o universal e o singular, bem como para a diversidade cultural que as atravessa. A autora salienta que, num interessante jogo de manipulação de símbolos, percebe-se o modo como a cultura do “outro” foi utilizada como arma e, portanto, instrumento de poder, em Java, onde se passa o filme, durante a Segunda Guerra Mundial, tendo de um lado o chamado Eixo – Alemanha, Itália, Japão – e, do outro, as nações “aliadas”. Num cenário de guerra, culturas diferentes se confrontaram e, nesse confronto, a cultura do “outro” se instituiu como “arma” com a qual se feriu e foi ferido. Num campo de concentração, sob domínio japonês, consciente ou inconscientemente, todos estão mergulhados no jogo da construção de fronteiras étnicas. Nessa perspectiva, não é possível atribuir apenas a um homem o domínio dos códigos culturais em confronto.

O terceiro artigo, *Viajar é preciso*, é-nos apresentado pela professora Lea Calvão. A autora debruça-se sobre o filme *Um olhar a cada dia*, para situar a história de uma procura, de uma viagem interior, íntima, aquela dum cineasta ao redor e em busca de si mesmo. Sozinho, em busca de seu país, em busca de um filme e de si mesmo, é com um “outro” que acaba se deparando. Sarajevo se apresenta ao seu olhar, estilhaçada pelo ódio às diferenças etno-religiosas, na qual os carros estão envoltos em fogo e prédios são explodidos. Como aceitar o outro, o diferente, numa sociedade assente na competição e no domínio de interesses particulares? O ser humano parece empenhado em construir tempos sombrios e cabe nos perguntar como temos entendido o que distingue os seres humanos e os povos, como temos enfrentado, na contemporaneidade, o que nos desafia e provoca. *No espelho, queremos*

ver apenas nossa face refletida, nosso igual. Com esta e outras idéias, a autora apresenta-nos sua sensível e curiosa viagem pela película.

A professora Maria Helena Rodrigues Paes escreve o quarto artigo, *Antes da chuva: uma história em três partes*. Em seu texto, ela discute a problemática dos conflitos étnico-religiosos entre macedônios ortodoxos e albaneses muçulmanos, configurando sujeitos e comunidades híbridas. Milcho Manchevski, o diretor do filme, nos lembra que a hibridação não se constitui numa componente própria de comunidades fora do mundo ocidental. Ele mostra-nos também uma Londres híbrida, onde a tradição convive com a modernidade. Para Maria Helena Paes, o filme coloca em diálogo o “local” – uma pequena aldeia tradicional da Macedônia, e um cenário mais global, no centro de Londres, agitada e ruidosa, num surpreendente contraste com a calma e pretensa suavidade da aldeia macedônia, onde tudo foi sinalizado justamente nas primeiras cenas, e nos levando a descobrir, na realidade, o final da bem articulada história. Manchevski fala através de Kirkov, o personagem principal, que durante toda a trama “navega” entre diferentes identidades, revelando-nos que a violência não é uma componente identitária do “outro” ou de povos designados como “bárbaros”, mas está muito mais próxima da parte do mundo que se pretende racional e civilizada.

Completando esta segunda parte da Coletânea, o quinto artigo, *O verão de Sam: breve leitura sob as perspectivas de gênero e raça* da professora Rosângela Malachias, nos remete para a forma como o diretor Spike Lee trata a problemática do machismo, que se institui como mecanismo que tem o poder de atribuir papéis às mulheres. Para a autora, a indústria cultural é personagem contextual neste filme, se se levar em conta o modo como o período de grande euforia das discotecas iria repercutir nas práticas e costumes culturais em vários países, inclusive o Brasil. Para Rosângela Malachias, a edificação do conceito de gênero é ainda recente e a trama de Lee revela-nos a dificuldade do casal principal do enredo expressar sua vontade de mudar. No entanto, para o casal coadjuvante, o cotidiano de exclusão facilitaria uma reação contra-hegemônica, não absoluta e politicamente planejada, mas, sim, como resultado de sua luta pela sobrevivência. Na ótica da autora, o filme *O verão de Sam* é uma obra que pode ajudar a refletir àqueles que *discursam e pregam moralidade, porém, na intimidade expressam suas contradições*.

A terceira parte da Coletânea intitula-se **Derrubam-se muros... constroem-se muros: a globalização em marcha**. Depois da euforia provocada

pela queda do Muro de Berlim, pela desagregação do bloco soviético e transformação do mundo socialista em uma vasta *fronteira* de expansão do capitalismo, muitos começaram a dar-se conta de que os “impasses”, “obstáculos”, “perigos” ou “ameaças” não só continuaram presentes como se revelaram crescentes. Logo, muitos começaram a reconhecer que o “sistema de mercado”, o “sistema capitalista liberal” ou o “sistema liberal globalizado”, com as suas “fortalezas norte-americanas e européias”, estavam, estão e continuam sujeitos a comoções, crises, anomalias, desastres. Um sistema econômico mundial que parecia talhado para o pleno êxito e a tranqüila continuidade por anos, décadas e séculos logo se revela problemático, vulnerável, sujeito a sérios abalos e a irrupções “irracionais”. As dimensões sociais, políticas e culturais da economia de mercado, do sistema liberal globalizado, logo se revelam presentes, prementes e inexoráveis, explodindo em reivindicações, protestos, greves, revoltas. Simultaneamente, florescem guerras e revoluções, narcotráficos e terrorismos, desastres e fundamentalismos; compreendendo povos e nações, culturas e religiões. Em poucas décadas, dissolvem-se as ilusões da nova ordem econômica mundial, mundo sem *fronteiras*, aldeia global, nova economia, fim da história.

No quadro assim descrito se insere o primeiro artigo desta terceira parte da Coletânea. O texto *Os dois mundos de Alexander K.: classe, consumo e cultura em Adeus, Lênin!*, do professor Ronaldo Rosas Reis é, inegavelmente, um trabalho impregnado de uma mensagem de solidariedade fundada na criatividade. Para ele, o filme *Adeus Lênin!* está sustentado por uma extraordinária fotografia e por uma sensível trilha sonora, constituindo-se em uma alegoria da realidade social da Alemanha reunificada, explorando fortemente o significado imediato da queda do muro de Berlim, mais concretamente a suposta idéia de que com o triunfo capitalista desapareceriam as classes: de um lado, a burguesia de Berlim ocidental e, de outro lado, o proletariado de Berlim oriental. Segundo o autor do texto, é através do olhar mediador de Alexander K., o personagem narrador/protagonista, que revolvemos os pontos sombrios da história recente da Alemanha na tentativa de entendermos, em função das condições objetivas que manteve o seu país fraturado por quatro décadas, as condições subjetivas desenvolvidas pelos alemães no cenário socialista. Nessas zonas de sombra perturbadoras, ele desnuda a supremacia dos hábitos de consumo capitalistas sobre os hábitos de

consumo socialistas para colocar em diálogo a diversidade cultural emergente na nova ordem alemã. Pelo olhar de Alexander K. somos levados, segundo Ronaldo Reis, a apreender muito da subjetividade presente na rica diversidade cultural existente e como ela se subordina à estrutura econômica do novo quadro emergente.

O segundo artigo deste terceiro bloco, *Por onde andar*á Maya?, do professor José Márcio Barros, explora a maneira como o processo de migração econômica no mundo contemporâneo alimenta as contradições políticas e econômicas na relação centro e periferia, revelando a face mais perversa dos padrões de relações culturais atuais: as diferenças transformadas em desigualdades. Para o autor, o filme *Pão e rosas* nos revela, ainda que de forma sutil, os limites de um mundo que difunde o fim das fronteiras, que intensifica o processo de trocas, que afirma de modo categórico *a dimensão mundial como realidade objetiva e não apenas referência filosófica abstrata*. No entanto, é esse mesmo mundo que instala de forma crescente a desumanidade, *numa desterritorialização da experiência cultural e da suspensão de fronteiras que configuram o processo de globalização*.

Compondo o terceiro artigo desta parte, está *O invasor: luta de classes à brasileira?*, do professor Ronaldo de Noronha, que se debruça sobre o filme com o mesmo nome. O autor mostra-nos como olhar o texto fílmico utilizando didaticamente o “arsenal” das técnicas de cinema. Para ele, o *tema de fundo* da obra, embora não seja apresentado direta ou explicitamente, se enquadra na luta de classes à brasileira e dos bloqueios morais que dela decorrem. O modo que Beto Brant encontrou para mostrar a luta de classes no cinema foi a de lançar mão nos *efeitos, das manifestações pontuais na vida cotidiana, dos desvios e invenções constantes, das conseqüências multifárias, das determinações flexíveis e onipresentes*. Nesta perspectiva, a luta de classes é, basicamente, um ponto de partida do drama, como força que desencadeia a coesão fundamental dos acontecimentos visíveis, como *condição de possibilidade das posições ocupadas pelos atores do drama e das suas estratégias de ação e dos seus estilos de vida, do que uma instância dramática per se*.

A quarta parte da Coletânea, intitula-se **Entre diferenças e conflitos; edificando a solidariedade**. Ela se constitui de quatro artigos que se referem a películas nas quais, mais uma vez, e por ângulos diferentes das obras e artigos anteriores, vemos que os seres humanos vivem envoltos

em diversificadas e múltiplas teias de significados por eles criados e que lhes conferem os sentimentos de identidade, de “pertencer” ao mundo e ao grupo que professa as mesmas crenças e valores. Esses recursos simbólicos permitem aos indivíduos perceberem-se como criaturas e criadores, ativos e passivos, sempre como participantes de uma determinada cultura. São também esses recursos simbólicos, portadores de significados e carregados de sentidos – lendas, leis, normas e instituições, orações, ritos, músicas e danças religiosas e profanas – que possibilitam o funcionamento da imaginação e sua materialização como “bem” público, sagrado ou secular.

Neste quadro, como superar a contradição entre a valorização da cultura própria, tradicional ou moderna, e o não respeito mútuo, o preconceito e desprezo pela cultura dos “outros” ou, em outras palavras, como assegurar a aceitação dos outros e, portanto, o convívio pacífico entre membros de culturas diferentes? O desafio reside na construção de um mundo novo, repleto de alternativas que contemplem a todas as organizações e movimentos, em sua rica e imensa diversidade. O respeito à diferença não significa esterilidade de convicções. Não se trata de uma simples virtude passiva, de aceitação ou de passividade, mas reúne dois sentidos estreitamente vinculados aos demais valores democráticos da igualdade e da liberdade: o respeito às diferenças e à variedade da criatividade cultural e o reconhecimento pleno da igualdade e dignidade de todos – indivíduos ou grupos – apesar das diferenças.

Para a consciência democrática, o respeito mútuo não será empecilho para denunciar e repudiar o que não deve ser aceito, como a discriminação e a agressão aos diferentes, que leva ao racismo, ao sexismo, ao fundamentalismo religioso, às diferentes formas do nazi-fascismo; o recurso irresponsável da busca de soluções violentas dos conflitos; a falta de ética nas relações profissionais e na política. Por outro lado, a inclusão de uma determinada diferença em um dado cenário de forças, em uma dada comunidade não é um fenômeno simples. A inclusão não é a eliminação da diferença, mas o reconhecimento da diferença; a exclusão, essa sim, é o não-reconhecimento do outro. Devemos redirecionar a discussão no sentido de buscar formas de redistribuição de poder na sociedade, que tenham como resultado o fim da necessidade de alguns grupos identitários dependerem do respeito mútuo para garantir até mesmo suas vidas.

A prova de que a inclusão de uma determinada diferença em um dado cenário de forças, em uma dada comunidade não é um fenômeno simples pode ser vista no primeiro artigo da quarta parte, "*Urga: uma paixão no fim do mundo*", do professor Erisvaldo Pereira dos Santos. Na reflexão do autor sobre o filme, somos alertados para as possibilidades de revisão das atitudes e conceito de cultura de que cada um é portador, face a costumes que são diferentes dos nossos. Segundo Erisvaldo Santos, esta obra cinematográfica enaltece valores como solidariedade, amizade, respeito mútuo e acolhimento entre os seres humanos, sendo que a universalidade desses valores dignifica a experiência humana em qualquer contexto geográfico e cultural do nosso planeta. Sobretudo, se apoiados em uma linguagem singela, como a que o filme nos revela. O artigo destaca, ainda, que a diversidade cultural é trabalhada na película através de diálogos que envolvem o tradicional e o moderno, o rural e o urbano, nós e os outros, reinstaurando o interminável debate antropológico da contemporaneidade.

O artigo que segue, *Gente diferente: educação em dois mundos na perspectiva cinematográfica*, do professor Luiz Alberto Oliveira Gonçalves, discute o filme *Gente diferente*, lembrando que, nesta sua obra, a magia de seu diretor, Andrei Konchalovsky, está em conseguir mostrar que mundos diferentes se conjugam e atravessam a sociedade americana, cada um mantendo a sua própria lógica. A partir das idéias de Fredric Jamenson sobre o cinema, dentre elas a da sétima arte como um produto cultural e histórico presente no cerne de uma civilização tecnológica, algo que prende e fascina os espectadores com lembranças que se inscrevem no próprio corpo, Gonçalves destaca no filme a educação que se dá em dois mundos, rural e urbano, mundos diversos, porém não opostos, na saga de uma mesma família. A par das reflexões relativas ao filme, o texto de Luiz Alberto nos oferece interessantes reflexões para compreendermos a arte cinematográfica e sua inserção no mundo moderno e contemporâneo. O artigo representa uma importante contribuição para educadores, seja pelo que nos oferece para pensarmos o filme *Gente diferente*, especificamente, seja pelas reflexões que contém no sentido de melhor compreendermos o cinema e seu potencial educativo.

O terceiro artigo desta seção é sobre o filme *Morango e chocolate*, de autoria do professor William Castilho, que considera esta obra pura poesia. Segundo o autor, estamos em presença de um canto à diferença,

um testemunho de que o *ser* é puro *dever*, que está em constante transformação, em que o desejo humano é *desejo produtivo*, tem sabor revolucionário e inventivo. A análise destaca ainda que, do ponto de vista histórico, o filme é bastante fiel às dificuldades da vida do cubano, à religiosidade e às desigualdades sociais que começam a aparecer. O tema da discriminação sofrida pelos homossexuais cubanos é um ponto fortemente trabalhado no filme, que enfatiza a dificuldade de convivência entre membros de um partido comunista e pessoas com diferenças culturais e sexuais. Trata-se do fenômeno existente nas organizações e instituições que o autor denomina *narcisismo das pequenas diferenças*. Para Castilho, estamos em presença da dificuldade dos elementos de um grupo dialogarem com a diferença, como também da não aceitação do menor desvio por parte dos que compartilham a mesma cultura grupal. Película e autor nos sugerem, em suma, que esse sentimento de repúdio à diferença, geralmente transformado em “inimigo”, desemboca frequentemente em posturas persecutórias. Como contraponto a este posicionamento, recorramos àquela que, seguramente, é uma das maiores invenções do ser humano: a solidariedade, conclui o autor.

No quarto artigo desta quarta parte, *Machuca: a escola, a ponte e o sonho*, as autoras Karla Cunha Pádua e Cristina Almeida Cunha Filgueiras presenteiam-nos com uma análise repleta de sensibilidade. Segundo elas, no filme *Machuca* a aproximação entre dois grupos socioculturais diferentes e desiguais se apresenta por meio de um variado leque de possibilidades, configuradas nas relações sociais que permeiam o cotidiano dos dois personagens principais. O contexto escolar, inicialmente, favorece a descoberta do outro, mas é o que ocorre fora da escola que abre caminhos aos momentos mais frutíferos de aprendizagem. Instaura-se uma ponte, que transforma as subjetividades dos meninos na descoberta fascinante de um mundo distinto. Quando tudo parece encaminhar o expectador para a inviabilidade de identificação ou apenas da reprodução de relações de subalternidade, emerge o companheirismo e a amizade entre os meninos. Para Pádua e Filgueiras, o filme deixa o expectador na certeza de que as sementes da transformação germinarão mais tarde, pois a experiência intercultural se revela dotada de sentido, mas enquanto tais particulares, subjetivas e pessoais, configurando a personalidade e o caráter dos sujeitos com uma maneira singular de estar e se orientar no mundo.

Este é o repertório de trabalhos que aqui trazemos, discutindo películas que tematizam a problemática da diversidade cultural. Por certo que há muitas outras de cinema crítico e reflexivo, que também o fazem, que aqui não estão por razões de espaço, mas que deverão ser conhecidas e analisadas. Aqui está apenas uma pequena parte da cinematografia que nos permite entender que no século XXI haverá, provavelmente, um maior número de sociedades onde o “pluralismo” e o “multiculturalismo” serão ideologias com um papel preponderante na organização social e política dos seres humanos. O aumento dos fluxos migratórios originará um maior número de situações em que pessoas com “culturas” diferentes terão de conviver na mesma sociedade. Isso, em muitos casos intensificará o etnocentrismo dos diferentes grupos. Cada grupo étnico tende a pensar que a sua “cultura” é melhor do que a dos outros. O excesso de etnocentrismo de um grupo étnico dominante pode facilmente conduzir a uma manipulação social dos grupos étnicos politicamente mais fracos.

A questão da etnicidade nos remete para a problemática do espaço pós-nacional. Alguns teóricos do *marketing* e alguns sociólogos afirmam que entramos na era do espaço pós-nacional, globalizado, caracterizado pelo advento de uma sociedade civil “mestiça” de dimensão mundial. Com a globalização, ampliou-se o leque de atores que pensam e agem em termos planetários e surgem temores a respeito de uma homogeneização dos modos de vida e de pensamento. É em nome da preservação da diversidade cultural que Estados e instituições internacionais defendem a instauração de políticas públicas, nacionais e regionais que visem fazer das criações do espírito uma “exceção”. Ao mesmo tempo, os grandes grupos dos setores das indústrias culturais e da comunicação acreditam estar favorecendo essa diversidade ao ampliar a gama da oferta mercantil e se opõem ferrenhamente a um estatuto particular da cultura.

O debate é candente entre aqueles que vêem na globalização um grave risco para as culturas nacionais ou regionais, portanto, para a diversidade cultural, e para quem a vê como uma ocasião de contatos e de influências recíprocas entre essas culturas. Na realidade, não é a globalização, enquanto tal, que representa uma ameaça, mas o uso que se faz dela e a maneira como ela opera. Importa, pois, encarar a diversidade cultural não como um simples estado natural que se faz necessário constatar e

respeitar, mas, sim, como a pluralidade de conhecimentos, de sabedoria e dinamismo que possam concorrer para melhorar o mundo.

Assim, não deixa de ser pertinente questionar qual é a ligação entre exceção e diversidade cultural? Trata-se apenas de garantir a cada grupo cultural a possibilidade de produzir suas próprias imagens ou de ir além disso e legitimar uma nova filosofia geral que subtraia os bens comuns da humanidade ao jugo da lei da livre troca? Perguntas para as quais não há respostas fáceis. Pensamos, no entanto, que para confrontar sua condição existencial e enfrentar seus desafios, a humanidade precisa se colocar acima dos dados da experiência a que tem acesso como indivíduos. Ou seja, a percepção individual, para ser ampliada, necessita da assistência de intérpretes munidos de dados não amplamente disponíveis à experiência individual. A Educação e o Cinema, enquanto partes integrantes desse processo interpretativo – um processo em andamento e permanentemente inconclusivo –, constituem um empenho constante para ampliar os horizontes cognitivos dos indivíduos e vozes potencialmente poderosas nesse diálogo sem fim com a condição humana.

Sabemos que a experiência humana é mais rica do que qualquer de suas interpretações, pois nenhuma delas, por mais genial e “compreensiva” que seja, pode exauri-la. Aqueles que embarcam numa vida de conversação com a experiência humana deveriam abandonar todos os sonhos de um fim tranqüilo de viagem. Essa viagem não tem um final feliz – toda sua felicidade se encontra na própria jornada. Nela, a Educação deve possibilitar a voz, o verbo, o texto, o fio ruidoso e afiado que tece a vida associada ao desejo de mudar o mundo. Quanto ao Cinema, não faz mais do que cumprir uma das múltiplas funções da arte: perscrutar, por meio da criatividade individual e através de um processo estético, a natureza humana em toda sua plenitude e decadência.

Tais são as preocupações, propósitos, o conteúdo e a estrutura deste terceiro volume da Coleção “Educação, Cultura e Cinema”, que traz do cinema aos textos a temática da alteridade. Nele discute-se a diferença e os diferentes, sob diversos ângulos, situações, contextos, imagens e enredos. Sob distintos olhares e sensibilidades dos/as diretores/as das películas e dos autores/as colaboradores/as, sempre na perspectiva de que os diferentes são iguais enquanto espécie, enquanto sujeitos, enquanto seres de direitos, vivendo a dialética da igualdade e da diferença, duas faces da liberdade e da justiça.

Completando a Coletânea e seguindo a estrutura dos volumes anteriores da Coleção, após estas suas quatro partes principais, que contêm os artigos sobre as obras cinematográficas selecionadas, apresentamos uma seção onde constam as sinopses dos filmes que foram trabalhados, bem como as biografias e filmografias dos diretores.

Por fim, sabemos que nós educadores e educadoras precisamos aprender muito a este respeito, trabalhando, a partir de cada um de nós e coletivamente, esta questão, eliminando as amarras, as restrições, o desrespeito com o outro, com os que nos são diversos, perversões que foram nos ensinando, que aprendemos ao longo de nossas vidas. Só assim saberemos desenvolver em nossas crianças e jovens uma outra atitude e sensibilidade fundamental à nossa vida em comum: uma atitude de respeito, de relativização, de reciprocidade, de exercício da igualdade entre os diferentes. Seja em pequena escala, nos territórios de nossas vidas cotidianas, seja no cenário do mundo, como parte da humanidade e dos tempos históricos.

Procuramos oferecer uma pequena contribuição neste sentido com este livro/coletânea. Esperamos ter alcançado este intento e que sua leitura possa não somente aprimorar nossa sensibilidade e atitudes frente ao outro, ao diverso, mas que lhes ofereça, leitor e leitora, momentos de prazer e emoção.

Pretendemos, enfim, que esta Coletânea se constitua num encontro de entusiastas da educação e do cinema e do frutuoso diálogo que estes dois campos podem instaurar. Um encontro plural, como tudo o que se refere ao humano, expresso em diferentes referências, diversas maneiras de recortar, constituir e edificar este diálogo, com múltiplos enfoques, distintas apreciações. Como todo encontro plural, é aberto ao dissenso e ao contraditório. Que ele possa contribuir para a formação de olhares críticos e sensíveis sobre a problemática da diversidade cultural e para a formação de propósitos e convicções democráticas.

Este é o nosso convite: compreender e viver nossos registros culturais como apenas mais um dentre os muitos possíveis, abrindo-nos para a aventura do encontro com a alteridade.